



**HAL**  
open science

# Advento do discurso analítico: o real e a contingência no tratamento

Daniela Batista Santos

► **To cite this version:**

Daniela Batista Santos. Advento do discurso analítico: o real e a contingência no tratamento. Associação científica campo psicanalítico. O narcisismo e a política, Campo psicanalítico, pp.269-278, 2019, 978-85-89388-26-9. hal-04056807

**HAL Id: hal-04056807**

**<https://hal.science/hal-04056807v1>**

Submitted on 27 Apr 2023

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Copyright

## Advento do discurso analítico: o real e a contingência no tratamento

Daniela Batista<sup>1</sup>

*Dar prevalência à lógica da contingência...  
Abandonar o recurso a qualquer evidência<sup>2</sup>.*

Para iniciar esse trabalho, gostaria de comentar a diferença entre *Avènement* e *Événement*, duas palavras da língua francesa que são quase homofônicas. A distinção entre esses dois conceitos é importante para compreendermos melhor a relação da clínica psicanalítica com o real.

O que seria um advento? Soler<sup>3</sup> comenta que um advento circunscreve um período, ou seja, há um antes e um depois quando um advento emerge. O cristianismo pode ser lido como um advento da história da civilização ocidental, bem como o dizer de Freud, o discurso analítico. Considero possível encontrar alguns exemplos de adventos do real no texto *Uma dificuldade da psicanálise* onde Freud<sup>4</sup> descreve as três feridas narcísicas que atingiram a humanidade. São elas: Afronta Cosmológica, quando Nicolau Copérnico (séc. XVI) questiona a posição privilegiada da Terra em relação ao Sol e o homem se depara com o fato de que a Terra não é o centro do universo; afronta biológica, com Charles Darwin e a teoria evolucionista e, por último, mas não menos subversiva, a afronta psicológica com a descoberta do inconsciente.

O advento do real pode ser lido como um fenômeno que sacode a ordem vigente, ele a subverte em outra coisa. Em *Televisão*, Lacan situa o advento do real sob “os efeitos da ciência e seus poderes técnicos”<sup>5</sup>. Incluída nesses efeitos está a imprevisibilidade contingente dos fenômenos. Retorno a atenção para a clínica psicanalítica: como pensar em um real que advém, se ele é caracterizado por estar fora do simbólico e do imaginário? Sabemos e cansamos de repetir que diante de sua manifestação o que se apresenta é a

---

<sup>1</sup> Psicóloga, psicanalista, membro do Fórum Salvador e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-BR), mestre em Psicologia (UFBA), doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. *E-mail*: <danielabatista2@gmail.com>. Este trabalho teve financiamento da CAPES e da FAPESB.

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

<sup>3</sup> SOLER, Colette. *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller, 2018.

<sup>4</sup> FREUD, S. Uma dificuldade da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *“O homem dos lobos” e outros textos*. (Trad. Paulo César de Souza, v. 14) São Paulo: Companhia das Letras, vol. 14, 1917/2010.

<sup>5</sup> SOLER, Colette. *O re-advento do real*. Pré-texto 7. X Encontro da Internacional dos Fóruns de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL), 2017.

angustia, porém, a angustia não é um advento do real, mas secundária a ele, a angústia é um evento/acontecimento/*événement*, portanto.

Considero que, para o falasser, o advento do real ocorre no momento de efetivação da estrutura, o que possibilita, para os neuróticos, o enodamento dos registros simbólico, imaginário e real pelo *sinthoma*. Esse seria o primeiro advento do real, e, a partir dele, o sujeito entra na lógica discursiva, seguindo na vida alienado à suas modalidades singulares de gozo no esforço de tamponar o real através da fantasia.

Vamos abordar agora o evento/acontecimento/*événement*. Este tem relação mais direta com o que interessa à clínica psicanalítica. Como poderíamos nomear esses *eventos* a partir da clínica? Eles se apresentam de diversas formas: sintoma, repetição, angustia<sup>6</sup>. Eles acontecem sem determinação prévia. Os eventos/acontecimentos poderiam também ser colocados como lapsos, sonhos, ato falho, manifestações do inconsciente que são da ordem da contingência, cessam de não se escrever.

Podemos ilustrar melhor a diferença entre advento e evento através da fobia. Soler<sup>7</sup> indica que a fobia tem ligação com o advento de um primeiro gozar traumático, que, posteriormente, se traduz em um significante qualquer, eleito a partir de alguns elementos imaginários, como aconteceu com Hans e o significante Cavalo. Nesse caso, há um advento de cifração do gozo. Advento, pois a cifra do gozo perdura por toda a vida do falasser, enquanto que as fobias infantis desaparecem, ou seja, o *troumatisme* marca um antes e um depois. A cifra do gozo continua, há o seu mecanismo de substituição incessante, que se manifesta a partir dos sonhos, lapsos, nas formações do inconsciente<sup>8</sup>.

O advento do discurso analítico aconteceu quando Freud leu os eventos/acontecimentos de corpo das históricas como manifestações do inconsciente. No inconsciente estamos submetidos à lógica do acaso. A sorte, ou a falta dela, representam aquilo que chamamos de Outro. Antes do advento do discurso científico como regulador das gestões dos corpos, a má sorte era interpretada como manifestação do divino. Não se interrogava sobre o Outro social, “mas sobre a responsabilidade dos pecadores que, por causa de suas más condutas, teria suscitado a cólera do próprio Deus”<sup>9</sup>. Isso quer dizer que a resposta a sorte, seja ela positiva ou negativa, convoca o Outro.

---

<sup>6</sup> FINGERMANN, Dominique. Adventos do real: temos escolha? *In*: Stylus: revista de psicanálise. n.37. Rio de Janeiro: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano; dez. 2018, p. 47.

<sup>7</sup> SOLER, Colette. *Adventos do real*: da angustia ao sintoma. op. cit.

<sup>8</sup> SOLER, Colette. Advento do real. Pré-texto do Encontro Internacional de Barcelona. Abr. 2018, p. 2. Disponível em: < <http://www.champlacanien.net/public/docu/4/rdv2018pre1.pdf>> Acesso em :11 jul. 2018.

<sup>9</sup> SOLER, Colette. *Adventos do real*: da angustia ao sintoma. op. cit. p. 25.

O fora de sentido do acaso não existe, a própria desgraça, da doença ou dos acidentes da vida, tem um sentido, quer seja o da punição, quer seja o da perseguição por um Outro obscuro<sup>10</sup>.

Há uma cena no filme *O sétimo selo* (1957), do diretor Ingmar Bergman, que pode servir de exemplo para essa lógica. Para justificar a catástrofe produzida pela peste, que aconteceu no século XIV, período do apogeu da crise do feudalismo, a Igreja e a comunidade encontram um “culpado” para os infortúnios produzidos pela epidemia: uma mulher, que teria relação direta com o diabo, provoca a cólera de Deus que condena a humanidade a padecer no flagelo. O cavaleiro que retorna das cruzadas, personagem questionador, conversa um momento com a mulher condenada a morrer queimada na fogueira. Ele deseja saber mais sobre o diabo, quem sabe até mesmo conversar com ele para compreender melhor deus. Nesse diálogo, fica implícito que a mulher não vê o diabo, não conversa com ele, mas se aliena ao discurso do outro social que a acusa de ter esse vínculo. A mulher e sua suposta ligação com o diabo seria uma resposta encontrada para o advento do real, manifestado na peste negra, signo da cólera de Deus, sentido que explicaria a devastação produzida no período. “Passado o instante de angústia ou de espanto, o ser falante logo terá feito recobrir esse advento do real pelo registro do sentido”<sup>11</sup>.

A psicanálise é um sintoma que surge em um momento de grande avanço do discurso científico, ela faz parte do mal-estar na civilização. A análise se ocupa do real, trabalha a partir dele e dos seus efeitos, enquanto a religião e o discurso científico o traduzem por vias diversas. As fórmulas da ciência estão inscritas no real, não estão no pensamento do sábio ou cientista, estão inscritas no real, “pelo que se pode conceber que com as fórmulas matemáticas se constroem técnicas que lhe vão permitir dominar o real físico”<sup>12</sup>, físico, pois o saber da ciência é um saber sem sujeito. Por outro lado, o saber inconsciente é um saber que se decifra, não é possível decifrá-lo no real, mas no simbólico, no discurso do analisante.

Com a virada do discurso do mestre para o discurso capitalista – que circula colado com os avanços científicos, frutos do discurso universitário – a forma de manejar e interpretar os acasos da vida torna-se cada vez mais controlada. Quando se trata

---

<sup>10</sup> SOLER, Colette. *Adventos do real: da angustia ao sintoma*. op. cit., p. 25.

<sup>11</sup> BERNARD, David. Pelo real. *Revista Stylus*. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil: Rio de Janeiro, n. 37. dez. 2018. p. 39.

<sup>12</sup> Soler, Colette. *Commentaire de la Note Italienne de Jacques Lacan*. Roma: Praxis del Campo Lacaniano. 2014, p. 59

especificamente do acaso que gera sintomas, convoca-se o Outro das neurociências para obter respostas, para suturar o erro, para converter a má sorte em boa sorte através de fármacos que garantem a “felicidade” da produtividade. As contingências, no discurso capitalista, são evitadas a qualquer custo, pois a humanidade não deve estar submetida ao acaso, antes, é necessário controlar e prever para evitar o real, evitar a impossibilidade, ter acesso enganoso ao objeto  $a$  – operador lógico da falta – sem muitas dificuldades. Essa operação é demonstrada no matema do discurso capitalista.



Discurso capitalista

O acaso, que pode ser convertido em *má sorte* ou *boa sorte*, acontece através de um evento qualquer. Essa manifestação ocorre de formas diversas. A imprevisibilidade da natureza, do corpo biológico e a impossibilidade de governar, são fontes do mal-estar, segundo Freud<sup>13</sup>, e numa perspectiva lacaniana, poderíamos nomear esses acontecimentos como adventos do Real. O acaso da natureza e os acidentes promovidos pela técnica científica, podem produzir traumas que não são promovidos pelo Outro, eles decorrem do acidente e não dizem respeito à psicanálise. A psicanálise se ocupa do sintoma, evento de corpo, “do gozo do corpo que também é do real”<sup>14</sup>. O sintoma é um evento/acontecimento de corpo que tem sua formação sem determinação prévia, contingente, portanto. Esse acontecimento de corpo convoca uma simbolização do Outro, há aí demanda de saber sobre o gozo, demanda que nunca será totalmente realizada, pois o Outro é faltante e, por isso, traumático.

Os eventos de corpo que nomeamos na psicanálise como sintoma, são acolhidos pelo discurso científico que tentam resolver o impasse através da produção de saberes que obturam o furo produzido por esses episódios. Na contramão dessa prática, Freud, ao ler os acontecimentos de corpo das histéricas, cria um novo discurso, o discurso analítico, e, ao invés de tamponar o erro, aquilo que não funciona, situou o trauma “no cerne da cena analítica e da estrutura do inconsciente como umbigo do mal-estar”<sup>15</sup>. A perspectiva

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. [1930] O Mal-estar na civilização (1930). In: \_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. (Trad. Paulo César de Souza. v. 18). São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 13-123.

<sup>14</sup> SOLER, Colette. *Adventos do real: da angustia ao sintoma*. op. cit. p. 27.

<sup>15</sup> BERTA, S. *Escrever o trauma, de Freud a Lacan*. São Paulo: Annablume, 2015. p. 25.

clínica freudiana toma como base a hermenêutica, clínica do método interpretativo, *talking cure*, que emerge para operar com os sintomas psíquicos, acontecimentos de corpo.

Situarei a importância e o papel das contingências no tratamento analítico para que o trabalho em direção ao real seja possível.

Como é *possível* termos notícia do real se essa diz-mansão foi alocada por Lacan na categoria lógica do *impossível*, como o que *não cessa de não se escrever*? Se a psicanálise é uma prática de cura através da fala, porque os analistas se preocupam tanto em traçar reflexões sobre o impossível de ser dito? Essas são perguntas norteadoras para a discussão que pretendo trazer no tópico seguinte.

### **O advento do real a partir das modalidades lógicas**

A partir da década de 70 Lacan reformula a definição clássica de Aristóteles sobre as modalidades lógicas para situar o que pode acontecer em uma análise. O possível é aquilo que *cessa de se escrever*, o necessário *o que não cessa de se escrever*, o contingente *o que cessa de não se escrever*, e o impossível *o que não cessa de não se escrever*.

Neste tópico, pretendo fazer uma leitura do ato psicanalítico como contingência na análise. Ressalto que o ato psicanalítico que faço alusão aqui não se refere, apenas, à passagem de analisando à analista, ação também contingente, mas à *interpretação* que acontece durante uma análise.

O *necessário* seria o sintoma, o *impossível* a relação sexual, o *possível* os efeitos terapêuticos e o *contingente*, a função fálica colocada em seu devido lugar, em outras palavras, o que permite a possível suspensão da demanda incessante de sentido.

Sobre o real contingente:

Para Lacan o real não é impossível no sentido de nunca poder acontecer – um núcleo traumático que escape permanentemente a nossa apreensão. Não, o problema do real é que ele acontece, e *esse é o trauma. A questão não é que o real seja impossível, mas que o impossível é real*. Um trauma ou um ato é simplesmente o ponto em que o real acontece, e isso é difícil de aceitar. Lacan não é um poeta que nos diga que o real sempre nos escapa – é sempre o inverso, no Lacan final. A questão é que *podemos* encontrar o real, e é isso que é muito difícil de aceitar<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> ZIZEK, Slavoj. *Arriscar o impossível*. São Paulo: Martins, 2006. P. 89

A contingência como aquilo que *cessa de não se escrever* produz o inédito em uma análise, “a expressão marca que a análise não explora apenas, como às vezes se imagina, o ‘já-ali’, pois produz o inédito, que enfim se escreve”<sup>17</sup>.

No *Seminário 15*, Lacan situa o ato analítico com uma dimensão significativa. Ele distingue o *ato* do *agir* como ação física. O ato é sustentado apenas e exclusivamente pela transferência e se efetua a partir da linguagem. Os efeitos do ato psicanalítico, verificados sempre *a posteriori*, estariam alocados na categoria lógica do *possível*, como aquilo que *cessa de se escrever*. Possível a partir de um encontro *contingente*, quando algo *cessou de não se escrever*. Esse mecanismo é possível a partir de qualquer acaso que promova uma ruptura no saber estabelecido, produzindo um novo reordenamento significativo que introduz uma nova cifra de gozo. Não foi à toa que Lacan adotou a *interpretação equívoca* como crucial para o tratamento, “o desafio da análise é o de responder de outro modo à demanda de interpretação, à demanda de sentido, isto é, de interpretar de outra maneira, de modo que, ao final, se produza um corte definitivo no “turbilhão de semantofilia” no qual o sujeito estava fissurado”<sup>18</sup>.

O impacto e a ressonância das palavras entre fala-seres é singular, incalculável e contingente, é feito de transferência e – muito além de seus efeitos simbólicos e imaginários – de sua repercussão do real em jogo e do mistério do corpo falante que ele encaminha<sup>19</sup>.

A partir daí podemos pensar sobre a importância da contingência no tratamento analítico. Contingência não apenas como *evento*, como manifestação do inconsciente, “a contingência está fora da lógica do *automaton*, do necessário; quando ela é escolhida (*tyché*) como causa de um ato, que se destaca como fora do sentido e do pensamento, ela é prova do impossível com o qual o sujeito topou e consentiu”<sup>20</sup>. Contingência como o real que advém e que gera angústia a partir do “estranho em nós”, consequência da lógica do inconsciente: “ou não penso, ou não sou”.

Lacan no seminário sobre *O Ato psicanalítico* profere que o psicanalista “sabe ser *destinado ao des-ser...* ele constitui um ato em falso, já que ele não é o sujeito suposto saber, já que ele não pode sê-lo. E se há alguém que o saiba, é, entre todos, o

---

<sup>17</sup> SOLER, Colette. O inconsciente reinventado. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012. p. 33

<sup>18</sup> THAMER, E. Do real advindo pela análise. Pré-texto do Encontro Internacional de Barcelona (IF-EPFCL). Disponível em < <https://www.champlacanen.net/public/docu/4/rdv2018pre9.pdf> > Acesso em 11 jul. 2019.

<sup>19</sup> FINGERMANN, Dominique. *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2016. p. 165.

<sup>20</sup> FINGERMANN, Dominique. *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. op., cit. p. 99.

psicanalista”<sup>21</sup>. Mais tarde, no *Seminário 21*, Lacan afirma que analista deve ser um *tolo do inconsciente*: “será que isso não estaria forjando, para nós, uma ética bem outra, uma ética que se fundaria sobre a *recusa de ser não-tolos* (grifo meu), sobre a maneira de ser cada vez mais fortemente tolos deste saber, deste inconsciente que, no final das contas, é nosso único lote de saber?”<sup>22</sup>. Só assim é possível atuar na clínica a partir da política de *falta-a-ser*. Ser tolo do saber inconsciente, uma vez que ele é impossível, um saber não-sabido. Uma análise que segue apenas pela da decifração do conteúdo recalcado tende a ser infinita, nesse esquema não há subversão topológica do sujeito.

Finalizo o trabalho com a mesma citação do início: *Dar prevalência à lógica da contingência... Abandonar o recurso a qualquer evidência*. Devemos ser praticantes da ética do bem-dizer, para que o discurso analítico não se afogue na ferocidade do discurso capitalista, discurso controlador das contingências que possibilitam as mudanças e os efeitos inéditos na vida dos sujeitos. A psicanálise não tem como garantir que essas contingências aconteçam, pois estas são imprevisíveis e incalculáveis, mas há uma aposta nessa lógica para que o sintoma, que surge de uma contingência qualquer, possa se desfazer também pela contingência do dizer.

---

<sup>21</sup> LACAN, Jacques. *Seminário 15: O ato psicanalítico*. 1967-68. Inédito. p. 97.

<sup>22</sup> LACAN, Jacques. [1973-1974] *Seminário 21: Os não-tolos vagueiam*. Publicação não comercial do Espaço Moebius, 2016, p. 26.